

O FMI ANUNCIA: O BRASIL TERÁ OS DÓLARES QUE PEDIU.

Serão 11 bilhões de dólares para fechar as contas de 83 e 84. Os bancos devem entrar com 6,5 bilhões. Mas a negociação da nossa dívida continua.

O Fundo Monetário Internacional anunciou ontem que, após consultas com governos, agências multilaterais e o comitê de bancos privados que assessoram o Brasil, se chegou a acordo "em princípio" em torno de um pacote de 11 bilhões de dólares para financiar o programa de ajuste do País no restante deste ano e em 1984.

Simultaneamente, o chairman do comitê de assessoramento bancário, William Rhodes, vice-presidente do Citibank, anunciou que, do pacote, caberá aos bancos privados internacionais o total de 6,5 bilhões de dólares.

De qualquer maneira, o acordo parece menos definitivo do que faria crer o anúncio do FMI no que diz respeito aos bancos. A nota de William Rhodes afirma que "o comitê de assessoramento concordou em apresentar aquela soma à comunidade bancária comercial pelo mundo e recomendar sua aceitação". Diz ainda que "pormenores dos acordos financeiros serão precisados em reuniões do comitê, esta semana e a próxima".

Os anúncios foram feitos em duas notas lacônicas, ontem à noite, pouco antes das 19h30, após três horas e meia de reunião entre o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, e banqueiros do comitê de bancos liderado por Rhodes.

Ajuda aos amigos

Além dos 6,5 bilhões dos bancos privados, os governos amigos forneceriam ao Brasil 2,5 bilhões de dólares de crédito comerciais. Do Clube de Paris, formado por governos credores, o Brasil obterá prorrogação dos prazos de pagamentos no total de dois bilhões de dólares. O Brasil ainda deve pagar a esses governos 700 milhões de dólares este ano e 1,3 bilhão em 1984.

Dos créditos comerciais de governos, o Brasil já recebeu 1,5 bilhão de dólares em garantias de crédito do Eximbank, montante sujeito à confirmação. Quando o Eximbank anunciou a concessão dessas garantias de créditos bancários ao Brasil, há várias semanas, explicou também que só seriam efetivadas se o País se entendesse com o FMI, recebesse apoio financeiro dos bancos e créditos semelhantes de outros governos.

A nota distribuída à imprensa pelo diretor-gerente do FMI não faz menção ao valor total do pacote. Esta informação foi prestada por fonte próxima às negociações, mas confirma a cifra que vinha sendo mencionada há algum tempo por banqueiros.

O FMI vinha tentando extrair um total de 7 bilhões de dólares dos bancos, 3,5 bilhões para o restante deste ano e 3,5 para 1984. O Brasil tinha pretensões mais ambiciosas. Os bancos vinham insistindo em 6 bilhões ou menos. Provavelmente, a cifra de 6,5 bilhões de dólares mencionada na nota de Rhodes corresponde a uma solução de compromisso.

A contribuição dos governos deve ter sido sacramentada na reunião que os cinco grandes países industrializados (Grupo dos 5), liderados pelos Estados Unidos, mantiveram sábado para tratar do caso brasileiro. Na quinta-feira da semana passada houve importante reunião no Tesouro dos Estados Unidos com o mesmo propósito e, segundo fontes fidedignas, há cerca de uma semana, o diretor-gerente do FMI recebeu, na sede da instituição, representantes de dez grandes bancos norte-americanos para falar do Brasil.

A.M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.



Larosière, o condutor do acordo entre os credores.



Regan, o alvo da indignação dos políticos brasileiros.

342